



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

MEMÓRIA DE CORPOS ABJETOS – INTERSECÇÕES ENTRE NEGROS ESCRAVIZADOS E CORPOS TRANS

João Diógenes Ferreira dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: jdiogenes69@gmail.com

Kueyla de Andrade Bitencourt
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: kueyla@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Existe uma violência – sistêmica, institucional e estrutural – traduzida em assassinatos brutais, execuções e espancamentos, direcionada ao corpo trans¹, este visto como um corpo inimigo, muitas vezes ininteligível e representante da alteridade, de acordo com os paradigmas hegemônicos e normatizadores da sexualidade e do gênero. Assim como os corpos trans, esta abjeção também acompanha os corpos negros no Brasil, sobretudo no período pós-abolição da escravatura, no final do século XIX e início do século XX, manifestada pelo medo da africanização das grandes cidades que institui arrojados projetos sanitários e expulsa os negros dos centros urbanos. Os dois grupos são marcados por um controle político e social que exclui e mata.

No que se refere a violência direcionada a população trans no Brasil, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil - ANTRA e o Instituto Brasileiro Trans de educação - IBTE divulgaram o *Dossiê sobre assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil* que ocorreram no ano de 2018 (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2019), com o objetivo de divulgar e denunciar a crescente violência direcionada às travestis e transexuais. O Dossiê revela os assassinatos, bem como demonstra dados sobre outras mortes não solucionadas, tentativas de homicídio e outras violações de direitos humanos.

Nessa direção, esse trabalho utiliza a pesquisa teórica, com o objetivo de situar a necropolítica sob a ótica da morte de transexuais e travestis contemporaneamente nas cidades brasileiras, ao cotejar a abjeção dos escravos africanos no Brasil sucessivamente

¹ O termo Trans é utilizado nesse trabalho de forma abrangente e engloba as pessoas que elegeram uma identidade de gênero diferente da que lhe foi designada ao nascer, dentre elas, transexuais e travestis.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

ao período pós-abolição e os desdobramentos dessa discriminação com as políticas² empregadas na formação dos grandes centros urbanos, levando em consideração a obra ficcional de Conceição Evaristo, *Becos da memória* (2017). Embora se refiram a tempos históricos diferenciados e a grupos sociais distintos, ambos os fenômenos se caracterizam a partir de políticas higienistas de expulsão de vidas consideradas descartáveis pelas normas hegemônicas e que, em função disso, estão passíveis a todo tipo de violência.

POLÍTICAS HIGIENISTAS E A NECROPOLÍTICA TRANS

A abolição de escravos negros vindos da África e o advento da industrialização que aportou no Brasil na virada do sec. XIX para o sec. XX são fenômenos que, além de aumentar a pobreza social no país, aumentou a ocupação de territórios marginais na malha urbana. Batista (2003) analisa como a escravidão brasileira, caracteristicamente agrária e rural, influenciou o crescimento das cidades, e, analisa também, o medo no Brasil imperial e o relaciona com o atual pânico nas cidades e suas funções políticas e ideológicas. O medo dos escravos negros nas cidades brasileiras durante o sec. XIX impulsionou a realização de projetos sanitários e novas políticas sociais e econômicas que tiveram como consequência um policiamento mais seletivo, desrespeito aos negros, crueldade aos infratores, e revelaram práticas racistas, patrimonialistas e positivistas nesse período.

As políticas de higienização, com intenções moralistas e interesses políticos e imobiliários, sob o discurso científico, despolitizaram a realidade histórica brasileira (CHALHOUB, 1996). Às custas de preços sociais elevados, destruíram as habitações coletivas desse período, os cortiços, e expulsaram os pobres, também considerados como perigosos, a fim de diminuir as aglomerações nas áreas centrais. Este é o principal objeto de denúncia do livro *Becos da Memória* (2017), em que Evaristo narra o fenômeno da “desfavelização”, a partir da memória dos moradores de uma favela, que ressignificam suas vivências durante o processo de desapropriação de seus barracos. É

² No Brasil do final do século XIX surgem políticas higienistas que, de acordo com Chalhoub (1996), despontam a partir do fluxo de migração dos colonizadores portugueses e dos escravos negros alforriados no período de formação das cidades e difundem os princípios de higiene pública sob a égide da suposta neutralidade científica. Com o intuito de trazer a civilização europeia para os trópicos e livrar o país do seu passado escravista, agrário e colonial.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

possível encontrar características semelhantes entre a pobreza desses favelados, com a marginalização sofrida pelos negros alforriados nos cortiços. Os escravos que “saíram das senzalas para habitar os becos da nossa modernidade”³ sugere uma correlação entre o processo de escravidão, as políticas de higienização e os empreendimentos necropolíticos.

A necropolítica, constructo do filósofo camaronês Achile Mbembe, problematiza a morte como uma questão política, característica dos espaços colonizados e subalternizados. Para ele, a noção foucaultiana de “biopoder não é suficiente para explicar as formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte” (2016, p.146). Essa teoria evidencia a urgência do pensamento crítico periférico apontar para uma perspectiva interseccional e articular análises de privilégios históricos e de processos de dominação. Nesse sentido, a escravidão é tida como um dos primeiros domínios da experiência biopolítica, exposta a horrores e violências e a colônia passa a representar a estrutura manifesta do estado de exceção (AGAMBEM, 2010).

Existe, no entanto, uma especificidade da colonialidade brasileira, típica das “modernidades periféricas” (SOUZA, 2003), cuja implantação do iluminismo assume a ideia de domínio racial, nega a ancestralidade étnica, e forja uma independência política. Ainda de acordo com Souza (2003), nessa modernidade exógena existem mecanismos subentendidos que distinguem classes e grupos sociais a partir de operadores simbólicos que subdividem e hierarquizam as pessoas em cidadãos e subcidadãos, estes considerados como pessoas excluídas dos contextos valorativos do capitalismo. Nesse trabalho, identifica-se um paralelo entre a abjeção direcionada aos escravos que viviam no Brasil no período pós-abolição, alvo do higienismo, consoante a morte dos corpos trans.

Os corpos de transexuais e travestis carregam dores e sofrimentos por sobrepor estigmas, rejeições e inviabilização. Não se trata de crimes de ódio isolados, “a necropolítica trans se constitui como uma tecnologia de violência sistêmica, estrutural e institucional contra o dispositivo das transexualidade” (CARAVACA-MORERA; PADILHA, 2018, p. 4) e, aos moldes das guerras contemporâneas citadas por Mbembe

³ Trecho da entrevista de Margarete Oliveira (2013) publicada no jornal Estado de Minas em 05 de outubro.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

(2016), refere-se a relações de poder que geram fidelidades assimétricas de modo que, além do Estado, surgem seguranças particulares, soberanos autodeclarados, todos com o direito de violentar e de matar. A necropolítica trans⁴ decreta a morte política, material e simbólica de corpos dissidentes, a partir de tecnologias prescritivas de sexo, classistas e cisheteronormativas⁵. Assim, a sociedade cataloga e diagnostica os corpos trans, segundo Caravaca-Morera e Padilha (2018) como “estranhos e plausível a homicídios (literais e metafóricos), que na maioria das vezes são caracterizados pela impunidade do agressor” (p. 6).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: INTERSECCIONALIDADE E CONDIÇÃO PRECÁRIA

A violência direcionada às pessoas Trans, denunciada pelo Dossiê (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2019) agrega outros marcadores sociais de opressão em nosso país como o racismo, o machismo, o preconceito com profissionais do sexo e destaca a investida dos setores religiosos e conservadores contra o segmento trans, pois que, para muitos, ser travesti e transexual significa desvio moral, pecado ou patologia. Trata-se de corpos descartáveis, marcados pelo distintivo da morte. Nessa direção, a necropolítica trans resvala estratégias de morte similares aos indicados na metáfora da escravidão aludida por Mbembe (2016), atravessadas por determinantes ético, políticos, morais e jurídicos.

Para Butler (2017), uma ontologia do corpo está sempre relacionada às normas, políticas e instituições sociais, que constroem os sujeitos e permitem que eles sejam, ou não, reconhecidos. Deve-se, então, problematizar quais normas orientam as condições para esse reconhecimento social e consideram alguns corpos como inteligíveis e outros não. Seguindo esse raciocínio, tem-se que a matriz cisgênera e heterossexual vaticinam os requisitos que regulam os corpos para suas existências sociais e para acessar os direitos e tomam para si o necropoder de eliminar e executar os corpos, negros e trans,

⁴ A necropolítica trans refere-se a mortes, suicídios, invisibilidades de transexuais e travestis justificados pela hegemonia de normas sociais sexistas, classistas e heterossexuais, que determinam regras punitivas para as dissidências e prescrevem identidades sociais (CARAVACA-MORERA; PADILHA, 2018).

⁵ Para Mattos e Cidade (2016), a cisheteronormatividade “tem a matriz heterossexual como base das relações de parentesco e a matriz cisgênera como organizadora das designações compulsórias e experiências das identidades de gênero; ambas produzindo (...) a abjeção e ocultamento de experiências transgressoras e subalternas” (p. 134).



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

que, em nome da moral, da família e da vida, resistem à racionalidade e a inteligibilidade. A partir disso, faz-se mister um enfrentamento dos ditames da necropolítica, a partir de novas formas de entendimento do gênero, sexualidade e corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Abjeção; Higienismo; Transexualidade; Necropolítica.

REFERÊNCIAS

AGANBEM, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua**. BH: Humanitas, 2010.

BATISTA, Vera Malaguti. **O medo na cidade do Rio de Janeiro** – dois tempos de uma história. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naidier Bonfim (Orgs.). **Dossiê – assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018**. ANTRA/IBTE: Brasil, 2019.

BUTLER, J. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CARAVACA-MORERA, J.; PADILHA, M. I. Necropolítica trans: diálogos sobre dispositivos de poder, invisibilização na contemporaneidade. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 27, n. 2, 2018.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

EVARISTO, Conceição.; **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

MATTOS, Amana Rocha; CIDADE, Maria Luiza R. Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo. **Periódicus**, Salvador, n. 5, v. 1, p. 132 – 153, maio-out. 2016.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Artes e Ensaios**, RJ, n. 32, p. 123-151, dez. 2016.

OLIVEIRA, Margarete Aparecida de. **Entre becos e memórias, Conceição Evaristo e o poder da ficção**. caderno “Pensar”, jornal Estado de Minas, 05/10/2013.

SOUZA, Jessé. **A construção Social da subcidadania** – Para uma sociologia Política da Modernidade Periférica, Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.